

Sentimentos *de impossibilidade*, desequilíbrio, situações em que a imaginação que modela ficticiamente o passado, o futuro e objetos distantes não consegue preencher as lacunas. Tenta e não consegue. Fome e sede interiores. Ímpeto bloqueado — quando o sofrimento atinge um ponto em que a imaginação que constrói compensações fica prejudicada no seu funcionamento. Oscilações internas entre recusa e aceitação. Movimentos da alma sem objeto, ainda que imaginário. Vazio imposto. Com o prolongar da situação, segue-se a exaustão e a morte de certas partes da alma.

Tal como os gases, a alma tende a ocupar todo o espaço que lhe é concedido. Um gás que encolhesse e deixasse um vazio seria contrário à lei da entropia. Tucídides: “Cada um exerce todo o poder de que dispõe.” Todos se esticam ao máximo.

Parar, conter-se, é criar vazio dentro de si mesmo.

Por vezes, a violência externa cria um sentimento de vazio. Morte súbita, traição, ausência de um ente querido, perda súbita de algo a que a perspectiva de futuro estava agarrada. Oscilações. Há realmente um vazio, porque há energia não direcionada na alma. Esgota-se então em movimentos desordenados.

Fazer semelhante violência a si mesmo? Tem de ser a graça a fazê-la. Mas sem oscilações, então.

A graça preenche, mas só pode entrar onde há um vazio para recebê-la, e é também ela que cria esse vazio.

A figueira estéril. A alma tocada pela graça ou dá frutos sobrenaturais ou murcha. (Judas.) Já não lhe é permitido dar simplesmente frutos naturais.

Angústia *irredutível* (e “sentimento de impossibilidade”) entre dois estados de equilíbrio, independentemente do valor respectivo dos dois equilíbrios.

“A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza.” (João 16:21.)¹

São Tiago.

“Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento cotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta. (...) A fé cooperava com as suas obras.” (Epístola de Tiago, 2:15-17 e 22.)

“Se alguém não peca pela palavra, esse é um homem perfeito, capaz também de dominar todo o seu corpo. Quando pomos um freio na boca do cavalo para que nos obedeça, dirigimos todo o seu corpo.” (Epístola de Tiago, 3:2-3.)

FREIO.

“Vede também os barcos: por grandes que sejam e fustigados por ventos impetuosos, são dirigidos com um pequeno leme. (...) Assim também a língua é um pequeno membro.” (Epístola de Tiago, 3:4-5.)

“(...) a língua (...) contamina todo o corpo e, inflamada pelo Inferno, incendeia o curso da nossa existência. (...) A língua (...) ninguém a pode dominar.” (Epístola de Tiago, 3:6 e 8.)

¹ As citações bíblicas seguem a publicação católica da Difusora Bíblica, disponível em <https://www.paroquias.org/biblia/>.

“Almas adúlteras! Não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus?” (Epístola de Tiago, 4:4.)

Freio, leme.

Uma pequena força direcionada supera uma grande força cega. Mas, para que haja liderança, quem dirige tem de ter uma pequena força.

Se não há algo em nós capaz de dirigir e possuir uma pequena força, mesmo o nosso pensamento é inteiramente acidental; e não pode ser.

Angústia: enquanto se sente, não se pode imaginar o equilíbrio.

Dependência da imaginação perante o estado real. Quando uma pessoa está saciada, não consegue imaginar a fome. Quando tem fome, não consegue imaginar a saciedade. Imaginamos o ato de comer, ficamos até obcecados por ele; mas não a saciedade de comer que lhe é consequência. Equilíbrio e desequilíbrio são duas formas de estar tais que, experimentando uma, não se pode imaginar a outra. Em desequilíbrio, imaginamos um desequilíbrio compensatório.

Compensação. Mário imaginou a vingança futura². Napoleão sonhava-se com a posteridade. Guilherme II desejava uma chávena de chá. A sua imaginação não estava suficientemente agarrada ao poder para se projetar a vários anos; focava-se numa chávena de chá.

Duas noites no La Scala de Milão, uma de pé e outra sentada. Na primeira, estive continuamente consciente da existência dos espectadores sentados. Na segunda, não tive consciência nenhuma dos espectadores em pé (dos sentados também não).

² Cônsul Caio Mário (154-86 a. C.), exemplo de uma derrota ultrapassada pela ambição de vingança: depois de exilado em Cartago, regressou a Roma e triunfou sobre o questor Sula, pouco antes da sua morte. Ver também nota 13.

A minha noção de *leitura* e o “*Dasein*” dos existencialistas³ são aparentados.

“(…) o Primeiro e o Último.” (Apocalipse 1: 17; 2:8; 22:13.)

“(…) não vão eles converter-se e ser perdoados” (Marcos cap. 4, 12); “não fossem (...) converter-se, para Eu os curar.” (Mateus 13:15.)

Apocalipse, cap. 6.

A coroa, a espada e a balança.

Poder político, guerra e comércio.

leão bezerro homem

águia

“(…) apareceu um cavalo esverdeado. O cavaleiro chamava-se ‘Morte’; e o ‘Abismo’ seguia atrás dele. Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar pela espada, pela fome, pela morte [peste] e pelas feras da terra.” (Apocalipse 6:8.)

“(…) houve um grande terramoto e o Sol tornou-se negro, como um pano de crinas, e toda a Lua ficou como sangue. As estrelas caíram do céu à terra, como os figos verdes caem de uma figueira sacudida por um furacão. O céu foi afastado, como um livro que se enrola, e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.” (Apocalipse 6:12-14.)

“(…) e diziam às montanhas e aos rochedos: ‘Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que está sentado no trono, e da cólera do Cordeiro. Porque chegou o grande dia da sua cólera; e, quem poderá resistir?’” (Apocalipse 6:16-17)

A cólera do Cordeiro.

O Cordeiro pastor.

3 O *Dasein*, ao qual Kant deu a tradução latina de *existentia*, é definido como o nosso conhecimento da existência. Para Heidegger, o *Dasein*, ou ser-aí, é constitutivo do homem, porque ele existe enquanto tiver um *aí*.

“(...) o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e conduzirá às fontes de água viva; e Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos.” (Apocalipse 7:17.)

“(...) lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro.” (Apocalipse 7:14.)

Branquear as roupas em sangue.

“Quando Ele abriu o sétimo selo, fez-se no céu um silêncio de cerca de meia hora.” (Apocalipse 7:1.)

“(...) não amaram mais a vida que a morte.” (Apocalipse 12:11.)

A Besta e o grande animal de Platão⁴.

Todos aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro adoram a Besta.

“(...) porque são virgens.” (Apocalipse 14:4.)

“(...) as núpcias do Cordeiro.” (Apocalipse 19:7.)

“Os céus e a terra fugiram da sua presença e desapareceram definitivamente.” (Apocalipse 20:11.)

A imaginação, por um lado, vai preencher os vazios; por outro lado, está acorrentada ao estado atual; às vezes, oscila entre essas duas situações. Quando consegue colmatar as necessidades sem obstáculos, ficamos à-vontade. Assim, fabrica interpretações erradas para pessoas condenadas pela opinião pública, se não tiver com elas algum tipo de relação; é agradável. Fabrica virtudes para os fortes, crimes para os infelizes. Ou o contrário, se se tratar de forças e infortúnios um pouco distantes: compensação em ambos os casos.

⁴ Primeira alusão nos *Cadernos* à comparação platónica da multidão com um animal de grande porte governado por pessoas que só se sabem guiar pelos seus humores.